

**UMA DOSE DE CHÁ: A FORMAÇÃO DO ESPECTADOR DE  
TEATRO NA ESCOLA.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA**



Trabalho de Conclusão de Curso

**UMA DOSE DE CHÁ: A FORMAÇÃO DO ESPECTADOR DE TEATRO  
NA ESCOLA.**

**Rodrigo Leal Dias**

Pelotas  
2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

D111d Dias, Rodrigo Leal

Uma dose de chá : formação de espectador de teatro na escola. / Rodrigo Leal Dias, Fabiane Tejada ; Fabiane Tejada, orientadora. — Pelotas, 2020.

48 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro)  
— Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Escola. 2. Espectador. 3. Teatro. 4.  
Formação. I. Tejada, Fabiane. II. Tejada, Fabiane.

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Rodrigo Leal Dias

**UMA DOSE DE CHÁ: A FORMAÇÃO DO ESPECTADOR DE TEATRO NA  
ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
no Centro de Artes da UFPel como requisito  
parcial para a conclusão do Curso de Teatro-  
Licenciatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiane Tejada da  
Silveira

Pelotas  
2020

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero expressar minha gratidão à todas as mulheres da minha família e amigas que sempre fizeram de tudo para minha felicidade e que acreditaram no meu sonho, em especial minha mãe, Cleuza Lopes Leal, que sempre botou minha educação e saúde à frente de tudo, uma pessoa que trabalhou incansavelmente e sendo pouco remunerada para que eu pudesse estudar, comer e viver, se estou aqui hoje foi por sua dedicação; as minhas avós, Olga Lopes Leal e Terezinha Duarte Dias, que cuidavam de mim, brincavam comigo e estiveram ao meu lado em vários momentos, me aceitaram e me amaram do jeito que sou; a minha irmã, Cristiele Ribeiro Dias, no qual, sinto muito orgulho e sempre me motivou a levantar a cabeça e seguir em frente; a todas as tias e primas que incentivaram e abraçaram-me. Também, sou grato pelo meu pai, Idilho Misael Duarte Dias, que ajudou como pode e apoiou na minha vocação; a minha 'boadrasta' Carla Ribeiro, por todo apoio e carinho que depositou em mim e por me considerar mais que um enteado; ao meu Padrasto, Vilmar Natchigall, pelo empenho e por todo auxílio em Porto Alegre quando participei do programa de Mobilidade Acadêmica; e a todos familiares que contribuíram ao meu crescimento.

Não posso deixar de ser grato a todas as professoras, dos distintos espaços educativos por onde passei, que me ensinaram, zelaram e me inspiraram durante minha infância, adolescência e na vida adulta. Em destaque Rejane Santos, Adriana Pinto, Cátia Simone e Dagma Colomby que me mostraram a importância do teatro e o quão relevante pode ser na formação de alguém, pela motivação em ser artista e por toda perseverança. A professora Cassia, que cedeu a turma e ajudou muito no processo de estágio e aos alunos que nos receberam e participaram das atividades com muito entusiasmo. E também a todos mestres do curso de teatro-licenciatura da UFPEL, por compartilharem seus conhecimentos. Em especial, minha querida orientadora Fabiane Tejada, onde sua dedicação, troca, carinho e parceria foram fundamentais para a conclusão desse trabalho e na minha formação acadêmica, nas aulas ou no TOCO (grupo de extensão de Teatro do Oprimido na Comunidade) e na vida. Guardo todos com muita afeição.

Trago também o grande reconhecimento e consideração aos amigos e colegas que contribuíram nas minhas etapas de desenvolvimento. Patricia Castro Cardona, que desde a primeira troca de palavras já formamos uma grande amizade, grato por

aceitar ser minha dupla de estagio, por todas ajudas, embarcar nas minhas loucuras e por todos trabalhos em grupo; assim como, Nay Costa, outra grande amizade no qual me inspiro e gratifico toda ajuda que tive no meu caminho e pelos ótimos conselhos. Muito orgulho de ser parte do grupo “RôPatiNay” e feliz por ter encontrado pessoas tão incríveis quanto vocês. Aos amigos do Grupo Teatral, no qual fiz parte, Cia Ubuntu de Teatro: Andy Marques, Marco Antonio Duarte, Nay costa, Jardel Athayde, Felipe Cremonini, Kellen Ferreira, Juliana Caroline, Rui Carlo, Carlos Escouto, Mario Celso, Mandy, e Mike Dilelio, por todo aprendizado, influencia, trabalho e empenho. As atrizes que participaram das minhas encenações e toparam partilhar comigo essa experiência lúdica, Patrica Castro Cardona, Lizi Fonseca, Karol Mendes, Elizabeth Silveira, Graziella Bessa, Shaiane Molina, Julia Souza e Brenda Senême. Ao Designer Gráfico, Jardel Athayde, por suas contribuições artísticas e todos momentos de carinho; ao artista plástico Eduardo Thomazoni pelas colaborações, estímulos e afeição; ao Mike Steyvanne pela irmandade que criamos; ao grande amigo, Junior Costa Roxa, pelas inspirações artísticas e aprendizagem em maquiagem e penteados, junto com o apoio em estudar nos momentos cotidianos vagos nos nossos dia-a-dia de trabalho; e, também, a Isabel schinestsck, pela amizade e carinho; a grande parceria divertida com juliana Dias Borges; ao Ícaro Silveira por estar comigo mesmo quando eu não estava; Tais Ferreira por ser uma das primeiras referências teatrais que tive na escola durante o ensino médio; E também aos amigos que fiz na Mobilidade acadêmica na UFRGS: Tony Weston, Maya Marqz, Leticia Guimarães e Phill por toda ajuda e por me acolherem. Muito obrigado a todos, todas e todes por tudo que fizeram por mim, dedico a vocês a conclusão dessa etapa, se hoje consigo erguer minha cabeça e ser quem eu sou foi por causa de vocês e mais uma vez, de coração, muito obrigado!

## RESUMO

DIAS, Rodrigo Leal. Uma Dose de Chá: A Formação do Espectador de Teatro na Escola. Trabalho de Conclusão de Curso de Teatro Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. 2020.

Com essa pesquisa procuro refletir sobre possibilidades de trabalho com a pedagogia do espectador articulada com a formação de público, a partir das minhas experiências durante o Estágio Supervisionado do Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel. No estudo diálogo com teatrólogos, educadores e artistas, como: Tais Ferreira, Flavio Desgranges, Ingrid Koudela. Relato minhas experiências como aluno-estagiário, na mesma escola que obtive minhas primeiras interações teatrais, como estudante espectador-artista. Propus uma sequência de aulas de teatro para uma turma de educação-infantil, utilizando da ludicidade, adaptações de jogos, aproximações com a linguagem cênica, momentos de conversa em uma roda de chá, espetáculo teatral inspirado no universo lúdico de Lewis Carrol com sua obra *Alice No País das Maravilhas*.

**Palavras-Chaves:** Teatro; Escola; Formação do espectador; criança;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:.....	19
Figura 2:.....	19
Figura 3:.....	20
Figura 4:.....	21



## SUMÁRIO

<b>1. PLANTANDO, COLHENDO, BOTANDO A ÁGUA PARA ESQUENTAR:</b>	<b>4</b>
<b>2. PREPARANDO A MESA DE CHÁ NA ESCOLA.....</b>	<b>8</b>
<b>3. PORQUE ESCOLHI ESSAS XICARAS? .....</b>	<b>10</b>
<b>4. PARA QUE SERVE ESSE CHÁ? .....</b>	<b>11</b>
4.1 O QUE TEM NESSE CHÁ? .....	11
<b>5. RECEITA DO CHÁ.....</b>	<b>12</b>
<b>6. O CHÁ FEITO PASSO A PASSO.....</b>	<b>13</b>
<b>7. O CHÁ TEM EFEITO? .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>44</b>

## 1. PLANTANDO, COLHENDO, BOTANDO A ÁGUA PARA ESQUENTAR

Desde muito jovem, o teatro sempre fez parte da minha vida, nas brincadeiras de faz-de-conta, apresentações aos familiares, a imaginação junto aos brinquedos, entre outros. Sempre me interessei por contos lúdicos e fantasiosos, um sonho real no qual me encontrava. Em meados dos anos 2000, estudei numa escola chamada Ferreira Vianna, uma escola municipal de ensino fundamental que está localizada na rua João Thomaz Munhoz, na Balsa, um bairro da cidade de Pelotas que, situa-se às margens do encontro do canal São Gonçalo com o arroio Pepino. Por volta da década de 1950 este lugar foi ocupado por funcionários do antigo frigorífico Anglo, onde hoje é a sede do campus Anglo da UFPel, muitas pessoas fixaram suas residências próximo a este local por trabalharem no mesmo, tornando o espaço que anteriormente resumia-se à um banhado, área com terra com muita infiltração de água, a moradia de muitas famílias. É uma comunidade periférica que, em virtude de seu crescimento não planejado, carece de alguns cuidados estruturais por parte da administração da área, como na manutenção do calçamento (das poucas ruas que são calçadas) e no saneamento básico, como questões de falta de água e esgotos mal canalizados, ou descarte indevido do lixo.

A escola que foi fundada em 1957, traz consigo esse nome em homenagem ao neto do dono da charqueada que existiu lá anteriormente, José Calheca, espaço esse que em 1914 foi comprado pela prefeitura de Pelotas.

No seu início, a escola atendia apenas até a 5ª série e a partir de 2003 passou a contemplar todas as séries do ensino fundamental, acarretando na instalação de novos espaços, como a sala de artes e a quadra de esportes. Neste mesmo ano foi quando o teatro chegou na escola, por uma iniciativa da professora de artes, Rejane Santos com o apoio da professora de português, Adriana Pinto, e de educação física, Cátia Simone, que trouxeram a proposta da criação de um grupo de teatro da escola que se desfez com a saída da professora de artes. Com tal iniciativa, senti-me inspirado a participar do grupo escolar, um lugar onde pude me encontrar, na época era chamada de “Carne Salgada” em homenagem a escola e sua história, onde participei de eventos dentro e fora da instituição, como: festas escolares, festivais de teatro escolares da cidade, solenidades públicas, ida aos teatros, no saudoso teatro

Sete de Abril que, infelizmente, encontra-se fechado, e Teatro Guarany. Com isso também pude perceber que aquelas brincadeiras da infância ainda fazem parte de mim, e que trabalhar com isso seria minha vocação. Fui um aluno LGBTQIA+ que sofria bullying, uma prática de atos agressivos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa que não se encaixa nos padrões aceitos pela sociedade, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas; com as atividades teatrais pude me encontrar em um espaço de respeito, voz e acolhimento que foram significativos na construção da minha identidade.

Como a escola oferecia apenas ensino fundamental e também por minha família mudar de bairro, passando a morar em outra zona pelotense, Três Vendas, uma região precária e bem isolada, bem diferente da situação atual com suas ruas asfaltadas, tráfego de ônibus e cheias de condomínios particulares. Fui matriculado em outro instituto, agora de ensino médio, Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Joaquim Duval, longe de casa, porém eu me encontrava com o grupo teatral desta escola, *Oscarito*, com caráter extracurricular, tal grupo escolar que começou a dar seus primeiros passos a partir de 1997, comandado e dirigida na época por Dagma Colomby, professora de literatura e, também, formada pelo curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, onde tive meu primeiro contato com o curso.

Observando as experiências acima, percebo que fui afetado com a recepção teatral, ou seja, estar exposto a linguagem do teatro, as suas estéticas, gêneros e todo movimento artístico que o envolve, sendo estimulado e inspirado a tal prática, fazendo com que escolhesse tal modalidade artística como minha futura profissão.

Depois de muitos anos, comecei a estudar, no Curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). No decorrer da minha formação superior nessa instituição, depois de estudar e me aprofundar nas metodologias de ensino e em diversos conteúdos pedagógicos e teatrais, em uma das minhas atividades fui provocado a desenvolver na disciplina, intitulada de “Encenação I” uma peça, no qual sua temática era o surreal e inspirador universo de “Alice no País das Maravilhas” conto elaborado por Lewis Carroll, uma das minhas histórias favoritas. A escolha do tema se deu pelo motivo de querer trabalhar com o lúdico, discutir a busca por outra dimensão, uma fantástica, para obter uma possível mudança de perspectiva e também pela possibilidade de constituir uma aproximação com o público. Junto a isso,

a familiaridade com a temática e ao universo do conto que, em minha infância, esteve muito presente.

A referência poética adotada por mim, fã da história, é do russo Vsevolod Meyerhold, autor que conheci na faculdade que adota uma maneira diferente para sua época de fazer teatro, explorando um novo jeito de atuar, de cenografia, de luzes, de figurinos, trazendo para um lado mais simbólico e subjetivo ao texto, com os princípios do Teatro da Convenção Consciente, desenvolvido no período em que esteve no Teatro-Estúdio, com conceito de “convenção consciente”, baseado no artigo “Verdade Inútil” e idealização do poeta Valeri Briussov, propõe uma reestruturação do espetáculo no intuito de abolir a quarta parede também um jogo entre os atores e espectadores consciente, permanecendo-os conhecedores das trocas estabelecidas no momentos da encenação, ou seja, desenvolver meios cênicos que possibilitam a interação dos mesmos, se opondo ao Naturalismo Stanislaviskiano, ou seja, contrapõe ao teatro que visa produzir peças mais realistas, um sentido fixo, valorizando o texto, que busca assemelhar-se ao cotidiano das pessoas, como almejava o outro autor russo Stanislaviski.

Outras referências artísticas também contribuíram ao meu processo, como o conto infantil de Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll, e seu livro “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas (Alice in wonderland)” na qual conta as façanhas irreais e lunáticas ocorridas com uma menina chamada Alice, quando a própria cai em uma toca de coelho e entra em um mundo fantástico na qual habitavam criaturas singulares e antropomórficas.

As músicas inspiradas na natureza e no sentimento de metamorfose da cantora, compositora e atriz islandesa Björk, serviram de grande inspiração no meu trabalho com sua peculiaridade e excentricidade, sendo as canções do álbum intitulado “Utopia”, lançadas dia 24 de novembro de 2017, através da gravadora One Little Indian Records. Somando e auxiliando as canções coletânea “Volta”, lançada dia 2 de maio de 2007, pela mesma gravadora.

Depois que o espetáculo estava pronto, observo que os conhecimentos foram apreendidos nas aulas de pedagogias do teatro, aulas essas onde são apresentadas metodologias, técnicas e meios pedagógicos, idealizados por distintos autores, fornecendo uma base para que os futuros licenciados em teatro sejam capazes de usufruir e utilizarem em seus trabalhos com crianças, jovens ou adultos. Com esta e

entre outras experiências, acabei por compreender a importância da formação de espectador, associando com minha vivência na antiga escola e junto a isso pude, então na disciplina de “Estágio I” um estágio supervisionado, em dupla, visando turmas no ensino fundamental ou infantil, onde os alunos do curso de teatro-licenciatura tem a oportunidade de pôr em prática seus desejos e conhecimentos pedagógicos adquiridos ao longo da graduação, para contribuição educacional, cultural e pedagógica na escola, pude voltar ao Ferreira Vianna, escola importante na minha formação, em parceria com minha colega de estágio e atriz em seu experimento cênico, Patrícia Castro Cardona. Como estagiário propus com minha colega, ministrarmos aulas de teatro numa turma inicial, ensino infantil, e lhes apresentar uma aproximação às diferentes linguagens teatrais. Como diz o texto “A Ida Ao Teatro”: “um projeto de formação de espectadores visa não apenas à facilitação do acesso físico, mas também ao acesso aos bens simbólicos. Almeja-se inserir o espectador na história da cultura.” (KOUDELA, 2010, pág. 5). Sendo assim, neste estudo descrevo e reflito sobre estas atividades desenvolvidas ao longo do Estágio I, com o objetivo de subsidiar o debate sobre a formação do espectador na escola.

## 2. PREPARANDO A MESA DE CHÁ NA ESCOLA

A turma escolhida foi do Pré B, com alunos de 5 à 6 anos, diversificada, moradores na região da escola, no turno da tarde, levando uma sequência de atividades, aulas e jogos introduzimos a temática lúdica, e a partir da peça teatral que dirigi e adaptei para as crianças com que tive uma grande troca de aprendizagens, pudessem exercitar e compreender as linguagens cênicas do espetáculo, do teatro e terem uma experiência como espectador, estimulando a criatividade, noção teatral e sentidos críticos e estéticos, como defende Koudela “A experiência sensível é única e cabe a você compreender e estimular as iniciativas de seus alunos, que podem se expressar de inúmeras formas sobre a ida ao teatro.” (KOUDELA, 2010, p. 4).

Utilizando de jogos dramáticos infantis, a partir do conceito idealizado por Peter Slade, um dos autores estudado durante o processo de Estágio I, com o livro “O Jogo dramático infantil. Partindo de suas experiências com a utilização de jogos dramáticos com crianças pequenas. “Jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio, não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real do ser humano”. (SLADE, 1987. p, 17).

Destaco que o jogo dramático se trata de uma representação lúdica, de forma dramática, da natureza dos envolvidos no jogo, podendo ou não ser conduzido. Portanto, foi uma ferramenta importante para nosso trabalho, por meio destes jogos conduzimos a maioria das aulas, já que escolhemos trabalhar com a educação infantil. Para isso utilizamos das linguagens teatrais, como: maquiagem, figurino, contação de história<sup>1</sup>, professor-personagem<sup>2</sup>, sons, instrumentos musicais e um portal,

---

<sup>1</sup>O conto é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças a voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenchendo diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando as regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados” (PATRINI, 2005).

<sup>2</sup> O professor-personagem dá ênfase à caracterização, cria um discurso condizente com as circunstâncias do personagem em termos de época, nacionalidade, ideologia, criando assim uma individualidade, enunciando o texto literal de um autor seja ele dramático ou não. Durante o processo do drama este personagem interage nas improvisações do grupo, mantendo, porém, sua postura física e ideológica a fim de permitir o desenvolvimento de uma contra argumentação pelo grupo. O professor vai refinar a caracterização em termos físicos, sonoros, visuais, mantendo assim a ideia de construção de personagem, um personagem determinado que possa ser trazido em diversos momentos do processo.” (VIDOR, Heloisa Baurish, O professor assume um papel e traz, por que não, um personagem para a sala de aula: desdobramentos do procedimento *teacher in role* no processo de drama. 2008).

que falarei mais posteriormente no capítulo 6, para criar a entrada na atmosfera que serviria de tema da aula.

As adaptações de brincadeiras e atividades sendo ou não cotidianas para entrelaçar com a dramatização em jogo foi uma grande ferramenta, pois desta forma, a criança podia exercitar o corpo e seguir a sequência sem cortar a criatividade e a atmosfera criada. “Faça a careta mais feia que puder e invente e represente uma história em torno dela.” (SLADE, 1987, p.33). Aqui, por meio do jogo lúdico, atmosfera criada, professores-personagem e convidada, Julia Souza como Rainha Vermelha, realizou-se o jogo “Sorriso do Gato e careta da Rainha.” No qual as crianças tinham que movimentar os músculos do rosto sorrindo como o Gato Cheshire, o gato sorridente de Alice no País das Maravilhas, e a careta da Rainha de Copas, ligando esse jogo com a peça levada para eles terem tal experiência como espectador.

Foi pensada uma linha de atividades com jogos modificados para ter um seguimento como sugere Tais Ferreira no livro “Teatro e Dança nos Anos Iniciais”<sup>3</sup>, trabalho em conjunto com Maria FalkemBach: Aqui a autora dá seguimentos como fazer um projeto teatral para a escola, ajudando muito na confecção dos nossos planos de ensino e de aulas, procurando inserir, introduzir e modificar jogos para um seguimento coerente ao espetáculo.

Inclui nesta pesquisa a minha história de vida como estudante de escolas públicas que me proporcionaram o encontro com o teatro, e agora mais maduro, mas não menos lúdico, estudante do Curso de Teatro- Licenciatura observo como a minha história é significativa para a metodologia de pesquisa qualitativa. Meu objetivo com este movimento de pesquisa é narrar minha vivência e refletir sobre ela a partir do retorno a escola onde tive a proximidade com o teatro e da minha vontade de retribuir para a mesma a oportunidade que tive, para que alguém, como eu, possa ter algo a se identificar, aprender, crescer, se reconhecer como indivíduo a partir das experiências teatrais.

Portanto na metodologia desta pesquisa articulam-se parte da minha história de vida com o teatro na escola e a descrição e reflexão sobre as atividades desenvolvidas ao longo do estágio.

---

<sup>3</sup> “Proposta de sequência didática: (Tratar de diversas linguagens teatrais, propiciando experiências práticas com teatro); Metodologia: Realização de uma sequência didática composta por encontros, nos quais, em cada um deles, um elemento básico da linguagem teatral é desenvolvido por meios de jogos, dramatizações, confecção e manipulação de materiais. Aulas práticas, seguidas de avaliações nos grupos (roda de conversa) e registros de processos.” (FERREIRA,2012, p. 29).

### 3. PORQUE ESCOLHI ESSAS XÍCARAS?

Acredito como aluno atravessado pelo teatro, a importância do fazer e da recepção teatral. Por conta dessa prática fui capaz de evoluir nos termos de interpretação, expressão, criatividade, o despertar do sensível e, junto a isso as relações humanas foram se qualificando. Como diz Koudela: “A autonomia refere-se à construção de sentidos que nasce a partir da experiência sensível, a elaboração de significações que constituem o ato pessoal e intransferível do espectador. Esta autonomia precisa ser construída.” (KOUDELA. *Ida ao teatro*. 2010 p.5)

Estudei na escola Ferreira Vianna durante meu ensino fundamental, da pré-escola até a oitava série. Durante esse momento, fui estimulado tanto a fazer quanto assistir teatro e ter experiências práticas como ator e espectador. Participando de festivais de teatro escolares da cidade de Pelotas, criando peças, atuando, ensaiando, produzindo figurinos, maquiagens e cenários e a assistir. Ganhávamos convites e ingressos para festivais e apresentações nos teatros da cidade e, penso que se não fosse por toda essa experiência minha vida seria outra, pois o teatro me deu tanto quanto noções de expressividade (escrita, corporal, vocal e cinestésica) quanto de interação (relações interpessoais). E as vivências como espectador inflava todos esses aspectos e mais ainda a aproximação com as linguagens teatrais e o senso crítico e estético. Fora o aumento do desejo de ver teatro.

Conforme a autora Tais Ferreira em seu livro “Teatro e Dança nos Anos Iniciais” em conjunto com a outra autora Maria Falkembach a “*Ida ao teatro: ... Ir ao teatro é tão importante para as crianças quanto o fazer teatro, quanto refletir, pensar e contextualizar essas experiências nas suas vidas e no mundo que as cerca*” (FERREIRA, 2012). Tendo em vista essa minha experiência, a vontade de atuar e ser espectador, sendo aluno dessa escola no meu tempo de infância, acredito o quão inspirador seria possibilitar essa recepção teatral aos alunos com meu regresso a instituição pela disciplina de Estágio I, desta vez, como professor, professor artista, professor de teatro. Trazendo novamente para a escola tal prática tão significativa. Um retorno a escola que já não possui o grupo teatral, assim como as cores na parede, estando ela agora monocromaticamente branca.



#### **4. PARA QUE SERVE ESSE CHÁ?**

Refletir sobre as atividades a partir da pedagogia do espectador, ou seja, meios de proporcionar jogos e atividades teatrais e elaborar reflexões de como usufruir de conteúdos artísticos e culturais; e também, identificar como esta proposta pedagógica contribui na formação teatral da criança pequena que inicia seu tempo de desenvolvimento e construção de aprendizagens na escola.

##### **4.1. O QUE TEM NESSE CHÁ?**

Relato e reflexão sobre o trabalho desenvolvido, para a formação de espectadores, a partir de práticas teatrais com a turma onde estagiei na disciplina de Estágio I. Em conjunto com minha colega de estágio e atriz na peça dirigida por mim na disciplina de Encenação I. O espetáculo “Uma Dose de Chá”, foi assistido pelas crianças durante o período de mediação do trabalho na escola.

## 5.RECEITA DO CHÁ

A metodologia de pesquisa utilizada foi a cartografia “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos” (BARROS e KATRUP, In: PASSOS et al., 2009, pag. 53), portanto, foram acolhidos planos de ensino, planos de aula, relatório de estágio, imagens, vídeos, gravações, desenhos e análise dos mesmos, junto com os materiais do processo de encenação, como: objetos cênicos, tecidos e crochês produzidos por minha avó, Terezinha Duarte Dias, músicas, figurinos, maquiagens.

Logo, fui dissertando sobre a importância encontrada do teatro na escola, a pedagogia do espectador e reflexões de um aluno que desejou possibilitar para antiga instituição onde estudou algo que lhe foi proporcionado e fez toda diferença na sua formação como ser.

Outra referência utilizada para a reflexão neste estudo foi uma análise que aconteceu com os materiais desenvolvidos nas aulas, como fotos e artes, desenhos ligados a temática do espetáculo. Narrando e ilustrando tais sequencias de jogos, a hora do chá, ou seja, o momento de troca onde os alunos ficavam em roda ou em seus lugares de lanche, falavam sobre a aula e suas percepções, o que gostavam ou queriam sugerir, ensejo esse que se assemelha a peça levada a turma, apresentações dadas aos alunos, como o espetáculo levado a turma “Uma dose de Chá” e outro desenvolvido no último dia de aula para toda escola, “A escola de Arte”, o duo de *clowns*, personagens com maquiagens, adereções e figurinos espalhafatosos, com sinônimo de atrapalhados e divertidos. Utilizarei os planos de aulas e relatórios em trechos para discorrer sobre tal processo, teatralidades e questões individuais encontradas nesse período.

## 6.O CHÁ FEITO PASSO A PASSO

Agora, utilizando dos relatórios e planos de aulas, procuro esmiuçá-los e mostrar como foram as ações em aula. Utilizando fragmentos para exemplificar e analisar tais atos.

As professoras da disciplina de Estágio I, propuseram em conjunto com as escolas da rede básica de ensino, que as turmas das aulas de Arte fossem mediadas por duplas de estagiários do Curso de Teatro, a partir deste encaminhamento conversei com minha colega, parceira de trabalho que gostaria de trabalhar partindo das pedagogias do espectador e mostrar a ampla forma de teatrar, percebendo que nossas ideias estavam em certa sintonia, desejos de apresentar ideias diversificadas sobre o que seria uma vivência teatral, decidimos então trabalhar com as várias “formas” que o teatro possibilita, como: cultura local, teatro grego, circo, para que os estudantes usufríssem de uma apresentação ao final do semestre, junto a isso proporcionando uma sequência de jogos ligados a estética da peça apresentada.

Iniciando na turma, fomos um dia para observações; ver como eram, interagiam e também para que os mesmos já tivessem algum conhecimento de quem éramos quanto a professores de teatro.

Já na aula número I tínhamos muitas intenções, construir algo que os levassem para um espaço simbólico do teatro como a máquina do tempo, uma espécie de portal que os conduzissem até esse lugar utópico, passando por vários momentos da história do teatro e alguns jogos repensados e transformados nesse universo lúdico que a peça oferecia. Por exemplo: “passando, em seguida, para a brincadeira do Relógio, onde uma pessoa fica no centro da roda girando uma corda no chão e todos devem pular. ”, os alunos foram dispostos em forma circular, no qual cada um representava um número do relógio, uma corda funcionava com os ponteiros do objeto, um aluno sendo o centro do eixo que movia a corda. De início, o jogo proposto era para um deles moverem a corda e os outro pularem sobre ela, logo com a interação na atividade novas propostas foram surgindo como descobrir que horas eram e trocar as horas, ou seja, cada aluno, para enganar o tempo, representado pelo aluno-eixo. Esse jogo foi planejado nessa forma para que os alunos fizessem uma ligação subjetiva com o objeto usado por um dos personagens da peça, o Coelhohebre, adaptação e

junção de dois personagens da história original: coelho branco e lebre maluca e também para que eles aquecessem o corpo, deixa-lo disposto e já se desprenderem da timidez.

Outra atividade proposta para esse dia foi o “coelho sai da toca”, vejamos: seguiremos o aquecimento com o jogo Coelho Sai da Toca onde os alunos fazem pares formando as tocas e os alunos sozinhos são os coelhos; ao ouvir “coelho” os coelhos devem mudar de toca, ao ouvir “toca” as tocas devem mudar de coelhos e ao ouvir “terremoto”, todos mudam de função. Esse jogo já seguiu a forma da brincadeira popular, escolhido para que houvesse relação com o contexto da personagem quanto ao objeto utilizado pelo mesmo personagem que foi a inspiração para o jogo anterior. Mesmo a euforia que o jogo trazia era nítida a falta de interação entre alguns colegas, percebendo situações constrangedoras entre eles. Como ex aluno desta escola pude perceber que algumas coisas não mudaram, como os casos de interações, ou a falta dela, entre os estudantes. Os preconceitos eram muito pouco debatidos e faziam com que houvesse muito bullying entre os mesmos, obvio que algo evoluiu, porém, como isso ainda permanecia? Coincidentemente não havia mais o grupo teatral da escola, que pelo menos enquanto estava eu lá como estudante foi algo que deixou não só os alunos da minha serie unidos, como das outras turmas também. “A turma é composta, em sua maioria, por moradores da própria Balsa, da Perrét e do Navegantes, bairros que circundam a escola” Esses locais onde essas crianças moravam são lugares bem precários quanto estrutura, distribuição de renda, iluminação, entre outros, mas também não há tantos esgotos abertos e ruas de terra como antes, mesmo assim notável que as pessoas desse lugar ainda lutam para seu bem-estar e querem possuir uma escola digna para suas crianças, os parentes/amigos sempre levavam até ao portão da escola e buscavam, apareciam nos encontros extracurriculares da escola e ao longo de nossos encontros foram parecendo mais receptivos as nossas figuras, minha e da colega Patrícia.

Ao final da aula foi acordado que teria, em todas aulas, a hora do chá: “Durante o chá, eles expressaram animação em construir a máquina e ansiedade pela próxima aula para seguir construindo.” Esse momento, próximo a hora do lanche já com essa intenção, as vezes em roda ou depois de todos nós arrumarmos a sala, era proposto para que eles falassem o que quisessem, o que gostaram na aula e/ou não, para que eles pudessem, assim como a personagem protagonista, ter um lugar onde pode se

expressar e ser livre com a doçura de um sabor de chá, nessa primeira aula perguntei que tipo de chá gostavam, doce ou amargo, de frutas ou ervas, enfim, um momento de troca onde todos compartilhavam suas impressões e uma xícara deliciosa de chá. Mesmo nas aulas em que não adequaria trazer atividades inspiradas no País das Maravilhas, como na aula número II, III e IV, que se manteve a hora do chá para os mesmos fins.

A aula número II foi mais voltada para o enredo de dia das bruxas, onde trabalhamos o *'dia de los muertos'* mostrando uma perspectiva deste dia em uma outra visão cultural, porém durante aula II algumas situações me chamaram a atenção: algumas coisas não saíram como o planejado quanto a construção da máquina do tempo, então foi proposto que fosse feito um portal feito com tecidos coloridos e um bambolê, a ideia foi bem aceita e logo todos queriam atravessá-lo o quanto antes.

Outro aspecto foi a questão de eu, um homem cisgênero, usar o saber sobre maquiagem durante a performance dos professores-personagem. “Durante o momento de maquiagem, várias indagações surgiram, como por exemplo, o fato de o Rodrigo, sendo homem, saber se maquiar porque usa maquiagem, enquanto a Pati, sendo mulher, não sabia; alguns meninos dependeram da iniciativa de outros para ter coragem de aderir à maquiagem de Catarina.” Quando algumas questões sobre eu ter feito e usar maquiagem foram surgindo, as vezes ao tom de deboche, mas sempre com muita dúvida, procurei sempre perguntar se aquilo de alguma forma ofendia eles ou se queriam que eu tirasse, porém a resposta sempre foi que era uma maquiagem bonita, que estava legal e não precisava tirar, logo comentava que então qualquer um podia usar porque não modificaria nada, o retorno imediato de sim, não importava. Contudo, alguns alunos se recusaram a pintar o rosto, mas não diminuí suas participações nas atividades. Isso tudo me fez lembrar algumas vezes em que sofri alguma discriminação na mesma escola, no passado, por ser um indivíduo lgbtqi+.

Havia sempre muita opressão naquele lugar, infelizmente, muitas vezes escondidas, as vezes na frente de todos, e quando o teatro naquela escola começou, e podíamos ser qualquer um, inclusive e principalmente nós mesmos, essa agressão foi diminuindo. Ao voltar a essa instituição e percebi nos corredores, pátio, recreios e os históricos da escola que ainda haviam questões a ser discutidas. Portanto, acredito que de alguma forma, parte dessas questões começaram a serem discutidas ali e nítido como isso continuou até o final do semestre.

Na aula número III, trabalhamos a temática do circo e do primeiro Palhaço brasileiro e pioneiro no circo-teatro, Benjamim de Oliveira, por essa razão foi executada apenas a hora do chá, contudo uns aspectos importantes a serem levantados, exemplo: “Percebemos também, que eles têm muita dificuldade em jogar com as nossas personagens caso tenham nos vistos sem figurino ou maquiagem antes.” Ter esse conhecimento perante a turma, ajudou muito no planejamento das aulas que estariam por vir na qual utilizaríamos da técnica do professor-personagem, ou seja, o personagem da peça que realizaria nossa aula, são os então, professores de teatro.

“Embora estivessem extremamente agitados, expressaram muita satisfação quando distribuímos alguns instrumentos musicais e pedimos que eles andassem na corda bamba enquanto tocavam alguma música. A maioria conseguiu compreender a relação palco-plateia e respeitar a vez do colega estar em foco.” Aqui podemos ver que alguns elementos teatrais já estavam sendo estabelecidos, como: relação palco e plateia, onde observavam, recebiam e eram expostos a alguma performance, ou seja como seu colega se portava na situação de jogo; absorvia e logo na sua vez fazia a sua performance.

Outro aspecto notável a ansiedade pela hora do chá: “Demonstraram estar familiarizados com a hora do chá, esperando por ele e curiosos com o sabor.” Aqui pude ver que mesmo não trazendo em todas as aulas algum jogo na temática da hora do chá, ainda assim eles tinham uma conexão a tal inspiração lúdica da Alice e seu mundo maravilhoso. Vejo que mesmo distante gostavam de voltar a esse momento.

Agora na aula 4, contando a história do teatro clássico, por meio de “contação de história”, mostraram-se muito adeptos a usarem figurinos e adereços. “Eles demonstraram empolgação em utilizar tecidos como figurino, imitando togas e ficaram ansiosos para passar pelo portal gritando “Evoé”. Percebendo como estão acostumados e críticos, utilizando o que aprenderam em nossos encontros foram mais criteriosos na hora da escolha dos figurinos, a maioria aderiu e brincou bastante com a tal linguagem teatral. Perceptível na hora do chá.

Então chega a aula número 5, o dia da apresentação da peça “uma Dose de Chá”, mas antes alguns dos personagens realizaram várias atividades com eles, ou seja, “Iniciaremos o encontro já caracterizados com os personagens Coelho e Gato Chesire, aguardando pelo momento em que a professora Cássia sairá da sala (conforme acordo prévio), onde o Gato e a Coelho sairão do banheiro e a

Coelhebre fugirá pela janela, pois está atrasada.” Pensando na aula anterior foi acordado com a professora da turma que nos ajudassem para que os alunos não nos vissem. Tais personagens fizeram atividades e readaptaram atividades como: seguir pegadas, pega-pega entre todos até chegarem no pátio da escola, área escolhida para que os outros personagens chegassem a sala de aula até o retorno da turma. Outras atividades também foram propostas “encontrará as poções de aumento e encolhimento que Alice bebeu. Faremos então, um jogo semelhante ao do Morto-vivo, onde devem alternar movimentos corporais em crescer e diminuir de acordo com os respectivos comandos. Após isso, pediremos que todos tentem imitar o sorriso do Gato, sorrindo da forma mais ampla possível e nesse momento a Rainha Vermelha aparecerá, brigando e ordenando que pare o tumulto para que todos agora, imitem a sua expressão facial, brava; conforme a Rainha Vermelha se distrai todos voltam a sorrir e assim, alternam; a Rainha fica revoltada e ordena que todos retornem à sala para servir o chá, a Coelhebre corre na frente. ” Foi um seguimento de jogos com o propósito de mover articulações e expressões faciais e corporais por um meio fantasioso em que os personagens estabeleceram. Como podemos ver nessa observação: “A turma toda se mostrou disponível para o jogo, procurando a Coelhebre por meio das suas pegadas. Ficaram muito assustados com a presença da Rainha de Copas e demonstraram respeito às suas ordens. No momento de imitar as expressões faciais das personagens, se empenharam bastante. Contudo, ao chegar na aula e perceber que o resto do elenco não havia chegado, houve um problema de transporte, nós os personagens, diante da linha construída na dramaturgia, improvisamos em cima disso para que os alunos, mesmo assim, obtivessem uma experiência de espectador nesse formato de teatro, pois acredito que todas essas aulas estávamos sendo espectadores de alguma forma. Logo, “Ao chegar na sala, inicia-se a apresentação da encenação “Uma Dose de Chá” e, ao término, conduziremos um jogo ao estilo “siga o mestre” onde fazemos uma fila e o primeiro da fila fala e gesticula sobre o que viu no País das Maravilhas dizendo “no País das Maravilhas eu vi....” e assim, vai dando vez ao próximo da fila.” O jogo oferecido após a apresentação foi para que eles brincassem com as formas corporais que os personagens tinham e encamisassem de forma orneada para seus lugares para a hora do chá. Com o tempo apertado decidimos unir esse momento com a realização de um desenho sobre o que tinham visto na aula desse dia: “Durante o restante da aula, dentro da sala, todos

apresentaram um comportamento muito disciplinado diante da Rainha, e nos repreenderam várias vezes por termos desrespeitado algumas ordens que ela deu. Ao final, fizeram desenhos muito interessantes em homenagem, principalmente a ela, mas também aos demais personagens, bem como algumas releituras sobre o País das Maravilhas.” Como exemplo de resultado:

Figura 1: Desenho Personagens



Aqui vemos um desenho de um dos alunos, representando todos os personagens que estiveram na turma nesse dia, aula número V. Mesmo sendo pouco participativo, mostrou estar dentro do que sugerimos a todo momento.

Figura 2: Desenho da Rainha Vermelha.





Desenho feito por uma das alunas depois da aula número V. podemos ver que a mesma retrata uma das personagens que interagiu com a turma durante essa aula. Podemos perceber a representação dos personagens e como ter uma figura diferente como a presença da Rainha de Copas os instigou e os impressionou.

Quando ocorreu a apresentação completa da encenação. Depois de organizar a sala de aula, com ajuda da Professora Cássia, demarcando com as cadeiras espaço cênico e plateia. “Iniciamos o encontro já caracterizados com os personagens Coelhohebre, Gato Chesrire, Chapeleiro Maluco, Alice, porém num primeiro momento, apenas Alice e Chapeleiro estavam em cena contando sobre como se conheceram no País das Maravilhas; logo depois, Coelhohebre e Gato chegaram eufóricos porque conseguiram escapar da Rainha de Copas que havia os aprisionados durante nossa última aula. Tivemos um momento de interação entre as 4 personagens e iniciamos a movimentação para tomar nossa dose de chá e nos despedirmos para seguir viagem pelo País.”. Os alunos presentes demonstraram reconhecer o espaço proposto permanecendo sentados durante a apresentação, mostraram estarem atentos, interagem com os personagens quando proposto, reconheceram os mesmos chamando-os pelos seus nomes e aplaudiram no termino da apresentação. Quando tomamos chá interagiram com os personagens e falaram do figurino.

*Figura 3: Apresentação: onde está o Gato e a Coelhohebre?*



Um dos momentos de interação de personagem e plateia durante apresentação

em que a Alice pergunta se alguém viu algum de seus amigos: o Gato e a Coelhebre.

Figura 4: Apresentação: Momento antes da Alice acordar o Chapeleiro.



” Após a merenda e o recreio, retornamos já fora da personagem para um momento mais livre, onde fizemos a proposta de que os alunos criem seu próprio País das Maravilhas, com os brinquedos que eles mais gostavam e um espaço aberto para desenhar, brincar, e etc. Finalizamos a aula com uma despedida oficial finalizando também o estágio [...] Após a despedida das meninas, as atrizes convidadas, optamos por vivenciar um momento mais livre, com o uso de maquiagens e alguns elementos cênicos disponíveis pra que eles jogassem entre si, como as orelhas da Coelhebre e o rabo do Gato, e reservamos um tempo para que eles fizessem desenhos sobre o que assistiram. Nos despedimos como sempre, tomando uma dose de chá e partilhando nossas impressões e realizamos o convite para que eles comparecessem ao Festival de Artes da escola que ocorreria no sábado, dia 1º de dezembro de 2018. Onde novamente, apresentaríamos uma cena. ” Esse momento específico foi um dos melhores, aqui vimos toda liberdade e conexão que alguns desenvolveram, como um daqueles meninos que se recusou a maquiar-se veio até mim e pediu para pintar seu rosto; a melhor relação entre eles, identificar adereços e tecidos como parte figurino, boa desenvoltura, mais espera na vez do outro falar e sem falar como estavam em

prontidão para o jogo. Exemplificando no outro dia, no convite que nos foi oferecido para apresentar algo no último fim de semana da arte da escola. “Nossa cena foi um número de clown, onde Patrícia era uma professora de artes e Rodrigo era um aluno desajeitado que não conseguia aprender o que ela ensinava; em um momento que se fez necessária a interação do público, chamamos a aluna Vitória para que ela servisse de modelo para o personagem do Rodrigo desenhá-la e ficamos surpresos com a disponibilidade dela em entrar no jogo e improvisar conosco mesmo sem ter conhecimento prévio da cena.” Foi algo tão rico poder ver diante da escola toda uma aula tornar-se autêntica em cena, fazendo seu próprio jogo, piada, texto, improvisando em cima do que estava sendo proposto e mais ainda com o relato de seus pais no final da festa, em tom de agradecimento, ao explicar que sua filha gostava muito de nossas aulas. Ali eu me vi e também vi o menino de muitos anos atrás feliz por chegar da escola, de ter *teatrado*, brincado e se unido aos demais, aquele menino achou um lugar. Por isso acredito na importância de haver uma ampla educação através da arte, no teatro, na dança, na música, de trabalhar o sensível, de trabalhar a crítica, as outras formas de expressão, apresentá-los a espetáculos, galerias, filmes, festivais, qualquer tipo de movimento cultural. Funcionou comigo, funcionou, pelo menos por uns instantes, para a aluna que se apresentou na frente da comunidade e da escola, para o menino que viu que usar maquiagem não é só coisa de menina, vai além disso. Então, por que não legitimar o teatro e outras formas de arte na escola?

## 7. O CHÁ TEM EFEITO?

Acredito que todos nós somos expostos a várias manifestações artísticas e culturais, no teatro, no cinema, nas artes plásticas, na música, no desenho animado, no picho de um muro, num culto religioso, na arquitetura, na matemática, no português, na física, no jornal, na fotografia, nos aplicativos de celular, entre outras infinitudes, um conjunto de cores, formas, movimentos e energias distintas que nos passa despercebidos muitas vezes, pois não há estímulos suficientes para que se possa usufruir, analisar criticamente e pensar sobre tal processo ou produto.

Com as crianças não é diferente, pois são sujeitas a um mercado bem vasto, com series, filmes, brinquedos, entre outros, voltados a sua cultura infantil, como o crítico Henry Giroux relata no capítulo 'A Disneyzação da cultura infantil: " é uma esfera onde o entretenimento, a defesa de ideias políticas e o prazer se encontram para construir concepções do que significa ser criança – uma combinação de posições de gênero, raciais e de classes definem a relação a uma diversidade de outros. " (TADEU, 2004, p. 49)

Partindo disso, no meu estagio, pensei em desenvolver nas sequencias de aulas junto com minha colega, tendo em vista que o espetáculo teatral atualmente é um evento mais isolado comparado as outras expressões culturais mais acessíveis, com o propósito de que os mesmos ampliassem suas visões e recepções culturais, inspirando nas trupes teatrais, educadores, artistas em meados dos anos 60 e 70 como conta Flavio Degranges em 'Pedagogia do espectador' "movidos pela ideia de democratização cultural estruturaram praticas destinadas à ampliação social e geográfica do público de teatro, quanto à difusão da experiência artística em geral. [...] ou seja, as companhias que produziam teatro para criança acreditavam que ao formarem espectadores infantis, estariam preparando espectadores do futuro - que, ao se tornarem adultos, estariam capacitados a ditar os novos rumos dessa arte. ". E eu não só acredito nisso como sou um adulto espectador que fui estimulado quando criança e tinha a intenção de voltar e fazer o mesmo, dar aos próximos, por meios das atividades e da apresentação teatral, impulsões e ferramentas para que eles mesmos, por sua autonomia, possam desfrutar de todas expressões culturais. E também como exemplifica a autora Maria Lucio de Barros Pupo com as trupes teatrais francesas em parceria com a prefeitura e com as escolas parisienses em seu artigo "Para Alimentar

o Desejo de teatro.” E considerando algumas categorias de intervenções levantada pela autora, no capítulo “modalidades de ação” (pág. 276 - 277) como: “Encontro com o público antes do espetáculo; Oficinas antes dos espetáculos; encontro com o público depois do espetáculo; Oficina a médio prazo, sem vínculo com espetáculo; e oficina escrita ao espetáculo.” Ou seja, proporcionar aos alunos encontro com os personagens e apresentar as atrizes que representaram os mesmos, propor desenhos, ao invés de escrita por tratar-se de uma turma em início da alfabetização, atividades com ligação ao tema da peça levada e outras aulas com o tema mais amplo dentro da área teatral, por tanto, propriedades de ações para fins de recepção e fruição teatral.

Além do mais, vivenciamos uma desigualdade de oportunidades, onde nem todos temos acessos, mesmas estruturas, condições, possibilidades de variar sua função ocupacional, ou seja, problemas sociais que enfrento até hoje, mesmo tendo o privilégio de ter uma mãe que faxinou muitas casas para que eu pudesse me dedicar, mesmo assim, até o período atual, não consegui concentrar-me integralmente a universidade, tendo que trabalhar em outros empregos, que me esgotam e tiram de mim boa parte do tempo. Tendo em vista meu tempo escasso e com a preocupação de por onde começaria meu estágio, fui surpreendido com algumas questões que me fizeram voltar ao passado e reproduzir o que acho essencial na educação, despertando em mim o desejo de proporcionar experiências cênicas e processuais aos alunos. Perguntas essas feitas por Tais Ferreira no artigo “Por uma (des)necessária pedagogia do espectador”, um texto reflexivo em prol de discutir a relevância de ensinar a ser espectador, e algumas delas foram: é preciso ensinar a ser espectador? Que me leva a outras questões que a mesma propõe: apresentado este contexto contemporâneo incerto no qual e volúvel no qual aprendemos modos de ser e estar no mundo, não seria inútil pensar em educar, em formar, em ensinar? Aprender não seria mais uma simples consequência de estar vivo em um mundo com tantos estímulos, tantas imagens, tantos sons, tantas informações e tantas mídias? Não seria suficiente uma “educação para os meios” ou uma “alfabetização audiovisual” que possibilita decodificar a enxurrada de imagens e sons cotidianos? [...] chegamos aí ao dilema da pedagogia dos anos iniciais: A alfabetização é suficiente?” (FERREIRA, 2012, p. 4). A autora defende não querer uma resposta pronta, não tenho essa mesma intenção, contudo, acredito que foi fundamental e ao me ensinarem a ser espectador, de analisar e entender, pude não só formar palavras utilizando letras, mas sim compreender o que elas em conjunto tinham

a dizer; que o aprendizado não está só no texto científico, mas também, na cor, na luz, no gesto, no passeio, no espetáculo, entre outros movimentos culturais; pude não me acostumar com o que me é dado, ficar só com o que me é oferecido, tive a ampliação de compreensão e de busca, tal inquietude que me fizeram enfrentar e permanecer na academia, querer expor aos alunos que participaram do meu estudo a imensidão que a arte pode chegar, de dar meios para que não se acomodem nos tantos de informações que são jogados a nós a todo momentos; De propor um espaço escolar para formação de identidade de cada um, como suas preferências, análises, de valorizar sua autonomia em suas buscas e também não se limitar a uma forma de aprendizagem, exercitar a compreensão além da formação de palavras, uma forma de pensar.

Peter Brooke idealiza o aluno “peixe dourado” (A porta aberta. 2011), ou seja, se entre todos alunos ao menos um for atingido pelo teatro já é um grande resultado. Eu fui um peixe dourado, a minha aluna que teve sua própria autonomia quando foi convidada a participar da peça no último dia também é um. Portanto, que haja mais teatro, para que se tenha mais trocas, experiências, diálogos, histórias e reflexões e um cardume de peixes dourados. Como professor de teatro e exercendo função nessa turma, penso ter sido privilegiado ao me deparar com uma turma rica em criatividade e empenho nas atividades, sempre muito envolvidos e mesmo nem sempre participando das atividades ao longo da sequência de aulas, mais no final, o entrosamento, e reconhecimento do espaço, a evolução do jogo entre os mesmos fez de mim um espectador ainda mais satisfeito. Em um vídeo chamado “ Il Conexão Teatro e Educação” a educadora-artista Tais Ferreira levanta outra questão bem intrigante: “seria o professor-espectador um tipo especial de espectador? Porque? ” Penso que a especialidade está no surgimento do jogo entre os alunos, de ser espectador da ação que se cria no espaço teatral formado por todos nós, professores e alunos, de acompanhar o crescimento e a compreensão dos envolvidos, dos termos, das técnicas, do reconhecimento dos artefatos culturais que os cercam. Quando eu observava a interação palco/ performance e o público no dia do espetáculo notei que os mesmos respeitavam o espaço da cena, mantinham-se concentrados e observando os detalhes, interagiam com os personagens e entendendo que eram personagens de uma temática específica, ou seja, criando essa relação de espetáculo e espectador.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2012. 136 p. (Coleção Educação e arte; 14).

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1987. 102 p. (Vovas buscas em educacao; v.2.)

“**O Teatro de Meyerhold**”. Tradução, apresentação e organização de Aldomar Conrado.

CARROL, Lewis. “**Alice: edição comentada e ilustrada: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho. – Lewis Carroll**”. Contribuinte: Martim Gardner e tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Zahar.

BJORK. “**Utopia**”. 2017. One Little Indian Records.

BJORK. “**Volta**”. 2007. One Little Indian Records

ESCOLA MUNICIPAL ENSINO FUNDAMENTAL FERREIRA VIANNA. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ferreiraviannaemef/>.

KOUDELA, Ingrid. **A ida ao teatro**. Sistema Cultura é currículo. São Paulo. Disponível em: Acesso em: 18 ago. 2010.

DESGRANGES, Flavio. **A pedagogia do espectador**. Editora Hugitec. São Paulo, 2003.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

TADEU DA SILVA, Tomaz. **Territórios contestados**. Editora vozes. Petrópolis. 2004

BROOK, Peter. **A porta aberta**: reflexões sobre a interpretação e o teatro. Tradução de Antônio Mercado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Tais. **Por uma (des)necessária pedagogia do espectador**. Revista do Programa de Pós-graduação em Arte Unb v.II número I. Brasília. 2012

PUPO, Maria Lucia de Souza Barros. **Para Alimentar o desejo de teatro.** *Sala Preta*, 9, Sao Paulo. 2009.

FERREIRA, Tais. **II Conexão Teatro e Educação.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C7j3n8v66A&ab\\_channel=Conex%C3%B5esTeatro](https://www.youtube.com/watch?v=C7j3n8v66A&ab_channel=Conex%C3%B5esTeatro). Acesso em: 22 nov. 2020.

VIDOR, Heloise Baurich. **O professor assume um papel e traz, por que não, um personagem para a sala de aula:** desdobramentos do procedimento *teacher in role* no processo de drama. *Urdimento*. Dezembro 2008 - N° 10. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101102008009/8856>. Acesso em 22 nov. 2020.



## APÊNDICES

Segue em anexo os planos de ensino, os planos de aula e algumas imagens sobre o processo que foi trabalhado na disciplina de estagio I.

### **Relatórios de estágio e planos de aulas:**

#### **PLANO DE ENSINO**

##### 1.DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome dos licenciandes: Patrícia Castro Cardona; Rodrigo Leal Dias.

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Ferreira Vianna

Endereço: R. João Tomás Munhoz, nº86

Telefone: (53) 3222-2544

Série / Turma: Pré-escola

Carga horária: 20 horas

Dia da semana / horário: Quarta-feira, 13h30-15h30

Número de alunos: 21

Média de idade: 5 anos

Professora responsável pela turma: Professora Cássia

Coordenadora pedagógica a ou supervisora: Carolina

Professora Orientadora: Andrisa

##### 2.APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Este projeto de plano de ensino trata da organização de atividades para a realização da disciplina de Estágio I do curso de Teatro-Licenciatura da UFPel com a turma de pré-escola da E.M.E.F. Ferreira Vianna, localizada na rua tal em Pelotas-RS, atualmente sob a responsabilidade da professora Cássia; a turma é composta por 21 alunos com aproximadamente 5 anos de idade. Buscamos vivenciar à docência na educação infantil da escola pública, proporcionando à turma regida uma experiência com o teatro desde os primeiros passos dentro do ambiente escolar, gerando assim, uma familiarização da escola com a linguagem teatral, bem como o

fomento do ensino das artes cênicas e atuando na formação de público e espectadores.

### 3.JUSTIFICATIVA

É importante que professores em formação possam ter contato com distintas faixas etárias durante sua atuação nas escolas e por isso optamos por trabalhar com a pré-escola, pelo fato de ser algo ainda não devidamente explorado em nossas atividades dentro da graduação. Buscamos exercitar a prática teatral além da formação de atores, desconstruindo a ideia de espetacularização do teatro formando indivíduos autônomos e capazes de gerar reflexões críticas acerca do contexto que estão inseridos através do trabalho da expressividade e contribuir na vivência do teatro no período da infância enquanto experimentação e descoberta das subjetividades, exercitando a interação social através do jogo e trabalho coletivo, bem como a apropriação da linguagem (seja corporal ou vocal) explorando o lúdico e a imaginação como ponto de partida para criações dentro do grupo.

### 4.OBJETIVO GERAL

Proporcionar uma atmosfera favorável ao fazer teatral, desenvolvendo a capacidade de criação e interação, bem como atuando na formação de público e espectadores com crianças da pré-escola.

#### 4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Favorecer aos alunos o contato com o teatro;
- Familiarizar os alunos com a linguagem do jogo;
- Incentivar o trabalho coletivo;
- Estimular a criatividade e a expressividade;
- Formar público e espectadores proporcionando uma experiência de fruição estética;
- Criar um espaço dentro da sala de aula para o teatro;
- Consolidar o teatro como aprendizagem escolar;
- Elaborar uma reflexão crítica (relatório) sobre o estágio.

## 5.CONTEÚDOS

Jogo dramático/ Atividades globais de expressão;

Pedagogias do espectador;

Professor-personagem;

Contação de história;

Figurinos e maquiagem;

Cenários e sonoplastia;

Autoavaliação;

## 6.METODOLOGIA DE TRABALHO

Pretendemos abordar com os alunos o Jogo Dramático e as Atividades Globais de Expressão, exercitando os processos criativos de cada um, bem como do coletivo, através do desenvolvimento de uma máquina do tempo, na qual poderemos viajar para qualquer lugar no tempo, de modo que os alunos possam conhecer pinceladas de histórias artísticas de forma lúdica.

Buscamos também proporcionar aos alunos uma experiência estética, apresentando fragmentos do experimento cênico inspirado em “Alice no País das Maravilhas”: “Uma Dose de Chá”, dirigida pelo Rodrigo Leal Dias durante a cadeira de Encenação I; para isso, trabalharemos com as pedagogias do espectador, realizando uma experimentação enquanto professores-personagens visando introduzi-los aos poucos, no maravilhoso mundo de Alice.

Pensando em familiarizar a turma com a linguagem teatral e os elementos que a compõem, será traçado um caminho que transitará entre figurinos, cenário, maquiagem, dramaturgia e sonoplastia, bem como a construção coletiva, de forma sustentável de todos os elementos físicos necessários.

Como uma espécie de registro/feedback do estágio, pensamos em pedir que os alunos desenhem sobre a aula para que possamos expor esses desenhos no espaço que será reservado ao teatro, além de separar um momento no final da aula

para a Hora do Chá, onde cada um toma um gole de chá e compartilha com a turma suas impressões sobre as atividades.

## 7.RECURSOS

Som;

Caixas, papelão, garrafas, copos, embalagens;

Sementes, grãos, pedrinhas;

Tecidos, roupas velhas, adereços;

Tinta, lápis, giz, cola, tesoura, fita, papéis, barbante, pintacara;

Chá;

## 8.AVALIAÇÃO

<b>EVOLUÇÃO/AVANÇO:</b>			
<b>CONCEITO</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
Expressão corporal/física:		x	
Expressão vocal/verbal:			X
Interação com o grupo:			X
Noção de coletivo:		x	
Processo criativo:	x		
Participação:			x
<b>PARECER DESCRITIVO:</b> xxxx xxxxxxxxxxxx x xxx xxxxxx x xxxxxxxxxxx xxxxxxxx.			

\* O conceito de evolução do aluno é medido por uma escala de conceitos de 1 a 3, onde 1 seria o mínimo e 3 o máximo do avanço dentro do processo.

- Expressão corporal/física: Capacidade de comunicar-se através de manifestações do corpo, bem como o domínio dessas manifestações;
- Expressão vocal/verbal: Capacidade de comunicar-se através da linguagem verbal de forma compreensível;
- Interação com o grupo: Comportamento sociável dentro do coletivo;

- Noção de coletivo: Atitudes que demonstrem a inserção do indivíduo no grupo de forma positiva,
- Processo criativo: Atuação ativa e autônoma diante das criações do grupo;
- Participação: Disposição para contribuir para alcançar os objetivos propostos ao grupo;

## 9.CRONOGRAMA

<b>DATA</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>MATERIAL</b>	<b>Hora</b>
<b>26/SET</b>	Período de observação;	Anotações.	2h
<b>03/OUT</b>	Familiarização com a teatralidade; Construção da máquina do tempo;	Caixas, tinta, cola, chá.	2h
<b>10/OUT</b>	Festa de dia das crianças; Observação.	Anotações.	2h
<b>31/OUT</b>	Contaçao de história dentro do jogo e experimento com maquiagem e figurinos; Dia das bruxas	Instrumentos, figurinos, maquiagem, chá.	4h
<b>07/NOV</b>	Contaçao de história dentro do jogo: Benjamim de Oliveira/Circo.	Maquiagem, malabares e chá	2h
<b>14/NOV</b>	Cenário e dramaturgia sonora: construção de instrumentos.	Garrafas, milho, raio X, latas, chá.	2h
<b>23/NOV</b>	Apresentação: Uma dose de chá/ Festa de aniversário.	Elenco. Papel, lápis, chá.	4h
<b>28/NOV</b>	Finalização/feedback/avaliação	Figurinos, cenário, chá.	2h

## 10.REFERÊNCIAS

Peter Slade;

Olga Reverbel;

Ricardo Japiassu;

Taís Ferreira;

Jean Pierre Ryngaert;

Maria Clara Machado;

## PLANOS DE AULA

PLANO DE AULA Nº. 1 Data:03/10/2018

### 1.Dados de Identificação:

Nome do licenciando(a): Patrícia Cardona e Rodrigo Leal dias

Escola: E.M.E.F. Ferreira Vianna

Ano / Turma: Pré-escola

Carga horária da aula: 2 horas

Dia da semana / horário: Quarta-feira, das 13h30m às 15h30m

2.Objetivo geral: Conhecer a turma e construir nossa máquina do tempo para utilizar nas próximas aulas.

### 3.Objetivos específicos:

Conhecer a metodologia de trabalho dos professores de teatro;

Familiarizar-se com o espaço do teatro em sala de aula;

Iniciar à construção da máquina do tempo que utilizaremos nas aulas;

Trabalhar em grupo;

### 4.Conteúdos:

Preparação física;

Foco/prontidão;

### 5.Desenvolvimento da aula:

Iniciar-se-á o encontro respeitando o momento de acolhida, onde eles guardam suas mochilas no local indicado pela professora Cássia e sentam-se, bem como alguns minutos para que o Cauê (que está em período de adaptação) se ambiente à sala de aula. [10 minutos] Feito isso, arrastaremos as mesas de modo que o centro da sala fique livre e faremos uma roda para que possamos nos alongar, passando, em seguida, para a brincadeira do Relógio, onde uma pessoa fica no centro da roda girando uma corda no chão e todos devem pular; seguiremos o aquecimento com o jogo Coelho Sai da Toca onde os alunos fazem pares formando as tocas e os alunos sozinhos são os coelhos; ao ouvir “coelho” os coelhos devem mudar de toca, ao ouvir “toca” as tocas devem mudar de coelhos e ao ouvir “terremoto”, todos mudam de

função; passaremos para o jogo Terra e Mar, onde o espaço é dividido em dois por uma reta que demarca um lado que seria o mar e o outro, a terra; todos iniciam em fila na terra e ao ouvir a palavra “mar” devem ultrapassar a marcação pulando no mar, ao ouvir “terra” pulam de volta à terra e ao ouvir “ar” pulam onde estão. [30 a 40 minutos].

Após os jogos, daremos início à construção da nossa máquina do tempo com o material solicitado aos pais previamente (caixas, papelão, rolos de papel higiênico, etc.) de modo que cada dupla/trio/quarteto tenha uma função, ou seja, um pinta, outro corta, outro cola... Em virtude da merenda, que acontece por volta das 15h10min, às 14h50m arrumaremos a sala juntos e sentaremos em roda para compartilhar nossas impressões enquanto tomamos um chá.

6. Recursos: Bolinhas, corda, caixas de papelão, tinta, cola, xícara, bule, chá.

7. Avaliação: Será feita durante a partilha das impressões na hora do chá.

8. Referências: Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural – Débora Alfaia da Cunha, disponível em <http://www.rioeduca.net/rioeduca/PROGRAMAS%20E%20A%C3%87%C3%95ES/EBOOK%20BRINCADEIRAS%20AFRICANAS%20PARA%20A%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20CULTURAL.pdf>

9. Observações após aula: Sendo esta nossa primeira observação, destacamos alguns pontos importantes para as próximas aulas:

Fomos muito bem recebidos pelos funcionários e, ao chegar, a professora Cássia nos deixou à vontade para explorar a escola. Em questões de espaço e infraestrutura, ela parece atender bem às necessidades dos alunos; as paredes são coloridas e decoradas com exposições de trabalhos feitos na escola e há três espaços externos diferentes, se contarmos com a quadra esportiva. A sala de aula do pré B é iluminada e arejada, com um banheiro funcionando e um espaço destinado aos brinquedos e outro aos materiais pedagógicos, como jogos, papéis, giz de cera, instrumentos, etc. Nas grandes janelas, há cortinas coloridas, assim como o alfabeto pendurado abaixo delas, além de tabelas com os numerais e estações do ano, por exemplo. [4]A turma é composta, em sua maioria, por moradores da própria Balsa, da Perret e do Navegantes, bairros que circundam a escola. São 15 alunos, com idades de 4 a 6 anos, sendo 7 meninas e 8 meninos. Utilizamos algumas caixas de papelão, cola, tesoura, e iniciamos a construção da máquina do tempo para auxiliar no processo

de entrada no mundo do faz de conta e, durante essa construção, surgiram muitos assuntos relacionados ao tema de viagem no tempo. Durante o chá, eles expressaram animação em construir a máquina e ansiedade pela próxima aula para seguir construindo.

#### PLANO DE AULA Nº. 2 Data:31/10/2018

##### 1.Dados de Identificação:

Nome do licenciando(a): Patrícia Cardona e Rodrigo Leal dias

Escola: E.M.E.F. Ferreira Vianna

Ano / Turma: Pré-escola

Carga horária da aula: 4 horas

Dia da semana / horário: Quarta-feira, das 13h30m às 17h30m

2.Objetivo geral: Comemoração do Dia de los Muertos/Dia das Bruxas pela contação de história.

##### 3.Objetivos específicos:

Conhecer a história do “dia das Bruxas mexicano”, o Dia de los Muertos;

Trabalhar o professor-personagem;

Construir um jogo dramático em cima da temática do dia dos mortos;

Trabalhar em grupo;

##### 4.Conteúdos:

Preparação física;

Foco/prontidão;

Contação de história;

Jogo dramático;

Professor-personagem.

##### 5.Desenvolvimento da aula:

Iniciar-se-á o encontro respeitando o momento de acolhida, onde eles guardam suas mochilas no local indicado pela professora Cássia e sentam-se. Feito isso, arrastaremos as mesas de modo que o centro da sala fique livre e faremos uma roda para que possamos nos alongar, passando, em seguida, para a brincadeira do Morto Vivo, onde ao ouvir “morto” todos devem abaixar-se e ao ouvir “vivo”, devem levantar-se; seguiremos com uma variação do jogo do Passarinho (Maria Clara Machado) onde



nós materializamos um passarinho que supostamente tenha caído e esteja ferido, e passamos de mão em mão para que todos interajam com ele até o último, que o liberta pra voar.

Após os jogos, daremos início a contação de história tratando do tema do dia das bruxas, vestindo os figurinos e estabelecendo o portal para o “mundo de los muertos”, onde se dará o jogo dramático, com a missão de construir um “retrato de família” de todas as Catrinas pra que eles possam retornar ao mundo dos vivos. Ao final da aula, arrumaremos a sala juntos e sentaremos em roda para compartilhar nossas impressões enquanto tomamos um chá.

6. Recursos: Bambolê, cordas, tecidos, maquiagem, tiaras, xícara, bule, chá.

7. Avaliação: Será feita por meio da análise das impressões compartilhadas na hora do chá e desenhos feitos pelos alunos.

8. Referências: 100 Jogos Dramáticos – Maria Clara Machado;

<https://paraondefor.com.br/dia-de-los-muertos-o-halloween-mexicano/>

9. Observações após aula: Por questões de tempo e materiais, abandonamos a complexa máquina do tempo, dando vez à um portal bem mais simples, composto por um grande bambolê e muitos tecidos coloridos amarrados nele. A turma se mostrou disposta a atravessar o portal para o mundo dos mortos, com exceção de 2 ou 3 alunos que preferiram acompanhar o jogo mais distantes enquanto jogavam entre si também. Eles foram muito receptivos aos personagens que trabalhamos, duas catrinas chamadas Guadalupe e Ramón e, embora me chamassem apenas de “Vagalume”, conseguiram se expressar corporalmente pelo espaço com uma música inventada no dia, com dois acordes, cuja letra era apenas nossos nomes sendo repetidos. Durante o momento de maquiagem, várias indagações surgiram, como por exemplo, o fato de o Rodrigo, sendo homem, saber se maquiar porque usa maquiagem, enquanto a Pati, sendo mulher, não sabia; alguns meninos dependeram da iniciativa de outros para ter coragem de aderir à maquiagem de Catrina. Durante a montagem do nosso altar para retirarmos nossos retratos em família, eles demonstraram ter bastante cuidado de manuseio e organização dos brinquedos da sala, principalmente com os favoritos, que são os mais novos e maiores, como um a pista de carros da HotWheels e um caixa registrador. Pelos desenhos, pudemos observar aspectos que foram levantados em aula e a disciplina com que eles tratam o ato de desenhar, por exemplo: eles se recusam a desenhar algo que “não sabem” e primeiro, fazem o desenho com lápis

preto, sempre com uma borracha ao lado, para só então poder colorir. Após e durante o uso de materiais como folhas, gizes e lápis, se preocupam muito em devolvê-los aos seus devidos potes nas prateleiras certas.

#### PLANO DE AULA Nº. 3 Data:07/11/2018

##### 1.Dados de Identificação:

Nome do licenciando(a): Patrícia Cardona e Rodrigo Leal dias

Escola: E.M.E.F. Ferreira Vianna

Ano / Turma: Pré-escola

Carga horária da aula: 4 horas

Dia da semana / horário: Quarta-feira, das 13h30m às 17h30m

2.Objetivo geral: Conhecer a história: Benjamim de Oliveira

3.Objetivos específicos:

Conhecer a história do Benjamim de Oliveira, o primeiro palhaço negro da história e precursor do circo-teatro.

Trabalhar o professor-personagem;

Construir um jogo dramático em cima da temática do circo;

Trabalhar em grupo;

4.Conteúdos:

Preparação física;

Foco/prontidão;

Contação de história;

Jogo dramático;

Professor-personagem.

5.Desenvolvimento da aula:

Iniciar-se-á o encontro respeitando o momento de acolhida, onde eles guardam suas mochilas no local indicado pela professora Cássia e sentam-se. Feito isso, arrastaremos as mesas de modo que o centro da sala fique livre; delimitaremos a área de jogo e dentro dela, faremos uma roda para que possamos nos alongar, passando, em seguida, para o jogo de aquecimento “Eu sou um palhaço”, que consiste em uma variação do tradicional pega pega, onde quem for pego deve gritar “eu sou um palhaço!” acompanhado de um gesto a sua escolha. Depois traçaremos uma linha

dentro da área de jogo, que representa uma corda bamba, onde eles terão de equilibrar-se um por um, enquanto os outros ficam na torcida.

Após os jogos, daremos início a contação de história tratando do tema do circo, com enfoque na trajetória de Benjamim de Oliveira, que foi o primeiro palhaço negro e percursos do circo-teatro, vestindo os figurinos e estabelecendo o portal para o mundo do circo, onde se dará o jogo dramático, com a missão de construir um espetáculo circense de forma que haja muitas atrações diferentes. Ao final da aula, arrumaremos a sala juntos e sentaremos em roda para compartilhar nossas impressões enquanto tomamos um chá.

6. Recursos: Bambolê, cordas, tecidos, maquiagem, figurino de palhaço, caixa de som, bolinhas, claves, xícara, bule, chá.

7. Avaliação: Será feita a partir das impressões compartilhadas durante o momento do chá.

8. Referências: <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/benjaminde-oliveira>

<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/12/30/benjamim-de-oliveira>

<https://www.youtube.com/watch?v=WBxN5dKho7M>

9. Observações após aula: Nesse dia a professora não pode estar na escola e percebemos que há uma certa influência no comportamento dos alunos em relação a isso. [9] Trabalhamos com uma delimitação espacial (área de jogo) cuja qual eles apresentaram certa resistência. Por abordar questões raciais, foi um tema um tanto quanto delicado de tratar com crianças mais novas. Percebemos também, que eles têm muita dificuldade em jogar com as nossas personagens caso tenham nos vistos sem figurino ou maquiagem antes. Embora estivessem extremamente agitados, expressaram muita satisfação quando distribuímos alguns instrumentos musicais e pedimos que eles andassem na corda bamba enquanto tocavam alguma música. A maioria conseguiu compreender a relação palco-plateia e respeitar a vez do colega estar em foco. [5] Demonstraram estar familiarizados com a hora do chá, esperando por ele e curiosos com o sabor.

PLANO DE AULA Nº. 4 Data:14/11/2018

1. Dados de Identificação:

Nome do licenciando(a): Patrícia Cardona e Rodrigo Leal dias

Escola: E.M.E.F. Ferreira Vianna

Ano / Turma: Pré-escola

Carga horária da aula: 2 horas

Dia da semana / horário: Quarta-feira, das 13h30m às 15h30m

2.Objetivo geral: Contar a história: Téspis e o nascimento do teatro.

3.Objetivos específicos:

Conhecer a história de Téspis como o primeiro ator a se destacar do coro;

Construir um jogo dramático em cima da temática abordada;

Trabalhar em grupo a teatralidade da história;

4.Conteúdos:

Preparação física;

Foco/prontidão;

Contação de história;

Jogo dramático;

Professor-personagem.

História do teatro.

5.Desenvolvimento da aula:

Iniciar-se-á o encontro respeitando o momento de acolhida, onde eles guardam suas mochilas no local indicado pela professora Cássia e sentam-se. Feito isso, arrastaremos as mesas de modo que o centro da sala fique livre; delimitaremos a área de jogo e dentro dela, faremos uma roda sentados para conhecer a história de Téspis de Icária, o primeiro ator a se destacar do coro na história do teatro.

Após a contação de história, ficaremos em pé para fazer o alongamento, seguido do jogo de aquecimento “Siga o Mestre”, onde todos fazem uma fila (como um “trem”) e o primeiro da fila é o mestre, cujas ações/movimentos, devem ser imitadas pelos demais; deste jogo, encaminharemos para a condução do jogo dramático baseado na história que conhecemos ao início da aula.

Ao final do jogo, arrumaremos a sala juntos e sentaremos em roda para compartilhar nossas impressões enquanto tomamos um chá.

6.Recursos: Bambolê, cordas, tecidos, caixa de som, xícara, bule, chá.

7.Avaliação: será feita por meio das impressões da turma e do desenvolvimento do jogo.

8.Referências: As Bacantes – Eurípedes:

[http://filosofia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/classicos\\_da\\_filosofia/as\\_bacantes.pdf?fbclid=IwAR3EullaHzMUaHkM45K64CnzZmJ-d4LDdroTP7SV-nxOkoboecpeoo85E1I](http://filosofia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/classicos_da_filosofia/as_bacantes.pdf?fbclid=IwAR3EullaHzMUaHkM45K64CnzZmJ-d4LDdroTP7SV-nxOkoboecpeoo85E1I)

<https://www.youtube.com/watch?v=cRqyCktnTtk>

<https://www.youtube.com/watch?v=w8wXhk01yhQ>

[https://www.youtube.com/watch?v=yd\\_n1-glh2w](https://www.youtube.com/watch?v=yd_n1-glh2w)

[https://www.youtube.com/watch?v=yd\\_n1-glh2w](https://www.youtube.com/watch?v=yd_n1-glh2w)

9.Observações após aula: Pedimos que a professora Cássia ficasse conosco na sala de aula para avaliar a diferença do comportamento deles e foi perceptível que o foco se mantinha por mais tempo enquanto ela estava. A área de jogo foi compreendida e utilizada com facilidade, de modo que, dentro dela era a Grécia e fora não. [9] Eles demonstraram empolgação em utilizar tecidos como figurino, imitando togas e ficaram ansiosos para passar pelo portal gritando “Evoé”. Durante a dramatização do coro, alguns estiveram indispostos no início, mas aderiram a imitação de animais graças à um aluno que interpretou Téspis e reproduziu muitos sons e gestos característicos de animais. Alguns apresentaram certa dificuldade em memorizar a história trabalhada.

PLANO DE AULA Nº. 5 Data:23/11/2018

1.Dados de Identificação:

Nome do licenciando(a): Patricia Cardona e Rodrigo Leal dias

Escola: E.M.E.F. Ferreira Vianna

Ano / Turma: Pré-escola

Carga horária da aula: 4 horas

Dia da semana / horário: Sexta-feira, das 13h30m às 17h30m

2.Objetivo geral: Apresentação com mediação da encenação teatral “Uma Dose de Chá”

3.Objetivos específicos:

Experienciar a recepção teatral;

Construir um jogo dramático em cima da temática da encenação;

Trabalhar em grupo a teatralidade da história;

4.Conteúdos:

Foco/prontidão;

Jogo dramático;

Professor-personagem.

Recepção teatral;

Formação de espectador.

5.Desenvolvimento da aula:

Iniciaremos o encontro já caracterizados com os personagens Coelhebre e Gato Chesrire, aguardando pelo momento em que a professora Cássia sairá da sala (conforme acordo prévio), onde o Gato e a Coelhebre sairão do banheiro e a Coelhebre fugirá pela janela, pois está atrasada; partindo disso, iniciaremos uma perseguição pelo coelho, seguindo as pegadas que ele deixa pelo pátio da escola, até chegar no espaço lateral da sala, onde a Coelhebre estará nervosa porque tem medo do Gato e iniciar-se-á um pega-pega. a Coelhebre foge novamente [1]e encontrará as poções de aumento e encolhimento que Alice bebeu. Faremos então, um jogo semelhante ao do Morto-vivo, onde devem alternar movimentos corporais em crescer e diminuir de acordo com os respectivos comandos. Após isso, pediremos que todos tentem imitar o sorriso do Gato, sorrindo da forma mais ampla possível e nesse momento a Rainha Vermelha aparecerá, brigando e ordenando que pare o tumulto para que todos agora, imitem a sua expressão facial, brava; conforme a Rainha Vermelha se distrai todos voltam a sorrir e assim, alternam; a Rainha fica revoltada e ordena que todos retornem à sala para servir o chá, a Coelhebre corre na frente.

[10]Ao chegar na sala, inicia-se a apresentação da encenação “Uma Dose de Chá” e, ao término, conduziremos um jogo ao estilo “siga o mestre” onde fazemos uma fila e o primeiro da fila fala e gesticula sobre o que viu no País das Maravilhas dizendo “no País das Maravilhas eu vi...” e assim, vai dando vez ao próximo da fila.

Ao final do jogo, arrumaremos a sala juntos e sentaremos em roda para compartilhar nossas impressões enquanto tomamos um chá.

6.Recursos: Bambolê, cordas, tecidos, figurinos, elenco, caixa de som, xícara, bule, chá.

7.Avaliação: será feita por meio das impressões da turma sobre a aula de teatro e da apresentação teatral.

8.Referências:

Encenação: Uma dose de Chá, dirigida pelo Rodrigo Leal Dias

Alice no País das Maravilhas.

9.Observações após aula: A turma toda se mostrou disponível para o jogo, procurando a Coelhebre por meio das suas pegadas. Ficaram muito assustados com a presença da Rainha de Copas e demonstraram respeito às suas ordens. No momento de imitar as expressões faciais das personagens, se empenharam bastante. Ao retornar para a sala, recebemos a informação de que o restante do elenco não compareceria devido à alguns imprevistos, mas mantivemos a proposta com os 3 personagens presentes. Durante o restante da aula, dentro da sala, todos apresentaram um comportamento muito disciplinado diante da Rainha, e nos repreenderam várias vezes por termos desrespeitado algumas ordens que ela deu. Ao final, fizeram desenhos muito interessantes em homenagem, principalmente a ela, mas também aos demais personagens, bem como algumas releituras sobre o País das Maravilhas.

PLANO DE AULA Nº. 6 Data:28/11/2018

1.Dados de Identificação:

Nome do licenciando(a): Patricia Cardona e Rodrigo Leal dias

Escola: E.M.E.F. Ferreira Vianna

Ano / Turma: Pré-escola

Carga horária da aula: 4 horas

Dia da semana / horário: Quarta-feira, das 13h30m às 17h30m

2.Objetivo geral:[10] Apresentação (completa) com mediação da encenação teatral “Uma Dose de Chá”

3.Objetivos específicos:

Experienciar a recepção teatral;

Construir um jogo dramático em cima da temática da encenação;

Trabalhar em grupo a teatralidade da história em pequenos improvisos;

Observar a interação da turma pós-encenação.

4.Conteúdos:

Foco/prontidão;

Jogo dramático;

Professor-personagem.

Recepção teatral;

Formação de espectador.

#### 5.Desenvolvimento da aula:

Iniciaremos o encontro já caracterizados com os personagens Coelhebre, Gato Chesrire, Chapeleiro Maluco e Alice, porém num primeiro momento, apenas Alice e Chapeleiro estarão em cena contando sobre como se conheceram no País das Maravilhas; logo depois, Coelhebre e Gato chegarão eufóricos porque conseguiram escapar da Rainha de Copas que havia os aprisionado durante nossa última aula. Teremos um momento de interação entre as 4 personagens e iniciaremos a movimentação para tomar nossa dose de chá e nos despedirmos para seguir viagem pelo País.

Após a merenda e o recreio, retornaremos já fora da personagem para um momento mais livre, onde faremos a proposta de que os alunos criem seu próprio País das Maravilhas, com os brinquedos que eles mais gostam e um espaço aberto para desenhar, brincar, e etc. Finalizaremos a aula com uma despedida oficial finalizando também o estágio.

6.Recursos: Bambolê, cordas, tecidos, figurinos, elenco, caixa de som, xícara, bule, chá.

7.Avaliação: será feita por meio das impressões da turma sobre a aula de teatro e da apresentação teatral.

#### 8.Referências:

Encenação: Uma dose de Chá, dirigida pelo Rodrigo Leal Dias

Alice no País das Maravilhas.

9.Observações após aula: Esse seria nosso encontro de encerramento, porém no dia a escola fechava mais cedo e em virtude disso, apenas 5 alunos foram à aula. Realizamos a apresentação completa e eles ficaram bastante animados e curiosos com a Alice e o Chapeleiro que eles ainda não conheciam. Ao final, fizemos uma conversa sobre a cena que eles assistiram e apresentamos as atrizes que interpretaram as personagens contextualizando a ideia de que elas eram nossas colegas no curso de Teatro. Após a despedida das meninas, optamos por vivenciar um momento mais livre, com o uso de maquiagens e alguns elementos cênicos disponíveis pra que eles jogassem entre si, como as orelhas da Coelhebre e o rabo do Gato, e reservamos um tempo para que eles fizessem desenhos sobre o que assistiram. Nos despedimos como sempre, tomando uma dose de chá e partilhando nossas impressões e realizamos o convite para que eles comparecessem ao Festival



de Artes da escola que ocorreria no sábado, dia 1º de dezembro, onde novamente, apresentaríamos uma cena.

## **RELATOS EXTRA-AULA**

### **RELATO: 2ª OBSERVAÇÃO, DIA 10 DE OUTUBRO DE 2018**

No dia 10 de outubro teríamos aula, porém a escola estava em festividade pelo dia das crianças, então aproveitamos o período da festa para realizar uma segunda observação. A festa contava com máquinas de pipoca e algodão doce e alguns brinquedos infláveis, cama elástica, piscina de bolinhas, entre outros. O clima era de euforia e formaram-se filas longas debaixo do sol para acessar os brinquedos disponíveis. Auxiliamos as professoras e monitoras cuidando as crianças e acompanhando algumas que tinham dificuldades para utilizar os brinquedos.

### **RELATO: FESTIVAL DE ARTES DA ESCOLA, DIA 1º DE DEZEMBRO DE 2018**

Em virtude da nossa última aula ter sido reduzida pelo horário de funcionamento da escola, aproveitamos o convite da professora Cássia para participarmos do Festival de Artes na escola para cumprirmos nossas 2 horas que faltaram. A festa que iniciou às 9h do sábado e foi até as 11:30 ocorreu na quadra de esportes e contou com a participação de todos professores e funcionários, bem como uma parcela da comunidade escolar; do pré B dois alunos estavam presentes. Houve um show de talentos com apresentações de alguns alunos, incluindo dança e embaixadinhas. [9] Nossa cena foi um número de clown, onde Patrícia era uma professora de artes e Rodrigo era um aluno desajeitado que não conseguia aprender o que ela ensinava; em um momento que se fez necessária a interação do público, chamamos a aluna Vitória para que ela servisse de modelo para o personagem do Rodrigo desenhá-la e ficamos surpresos com a disponibilidade dela em entrar no jogo e improvisar conosco mesmo sem ter conhecimento prévio da cena. Ao final da apresentação, nos prontificamos a maquiar as crianças até o final do evento.

## ANEXOS

## IMAGENS

Figura 5: Aula: momento que eles passavam pelo portal criado para entrar e sair da área de jogo.



Figura 6: Aula: Adereços, tecidos, xicaras, chá, Professor-personagem.



Figura 7: Aula no Pátio: Gato e Coelhebe; participação da Rainha Vermelha.



Figura 7: Aula no pátio: Brincadeira do Coelho sai da toca.



Figura 8: Aula: A Hora do Chá Acompanhada pela merenda da Escola.



Figura 8: Aula: Rainha Vermelha na Hora do Chá



Figura 10: Personagens antes do encontro com alunos.



Figura 11: Foto após a apresentação.



Figura 12: Trabalho em Crochê de Terezinha Duarte Dias. Material utilizado como adereço cênico e de aula, assim como inspiração para os mesmos.



Figura 12: "Paradoxo do Gato Sorrindo". Arte de tinta sob madeira de Eduardo Thomazoni. Objeto que serviu de inspiração.



Figura 13: Apresentação “Uma Dose de Chá” no espaço Anima. Projeto de Encenação I.



Figura 14: Capa/Cartaz da peça.

